



**REPÚBLICA
PORTUGUESA**

CULTURA

DIREÇÃO REGIONAL DE CULTURA DO CENTRO

**AS MULHERES NA CULTURA E NA SALVAGUARDA
DO PATRIMÓNIO IMATERIAL DA REGIÃO CENTRO**

Artesanato

Amélia de Sá Nogueira



Nascida no seio de uma família com uma forte presença feminina, nas Caldas da Rainha, Amélia cresceu fascinada pelo ritmo cadente do trabalho manual nas rendas, bordados e tapeçarias que surgem como por magia das mãos da mãe e da avó.

Formada em Sociologia e Antropologia, área em que trabalhou vários anos, em 2012 integra o projeto Atelier Sá Nogueira e fez novas formações na área da Cerâmica e Vidro.

No atelier começou por colaborar nas várias fases do processo cerâmico ligado à azulejaria e mais tarde, desenvolveu coleções próprias com diferentes técnicas e pastas que vão do barro vermelho, grés, à faiança. Atualmente, desenvolve coleções ligadas à memória e identidade. Como forma de divulgação e valorização do trabalho cerâmico, encontra-se a fazer uma investigação sobre o azulejo do século XVI, colaborando ainda em ações de formação e ações de serviço educativo.

Ana Almeida



Iniciou o seu percurso como autora têxtil, em 2006, com a criação da marca Petrus, peças únicas e numeradas, elaboradas à mão com produtos artesanais originários dos lanifícios da região. Ana Almeida reinterpreta o que encontra ao seu redor e transporta-o para um universo mágico em que tudo pode ser em lã. No seu ateliê perdemo-nos entre

gelados, maçãs e até azulejos em lã, com os quais preenche as falhas nas paredes da antiga

fábrica e que conjuga infinitamente para criar painéis decorativos. A partir dos fios têxteis e de técnicas ancestrais apresenta personagens e cria tapeçarias que retratam as montanhas deste território. É membro-fundador do New Hand Lab, conjuga ainda a componente educativa com a área artística, coordenando e dinamizando ateliers e oficinas, para crianças e jovens. É também professora auxiliar na UBI e pertence à bolsa de auditores técnicos do instituto português da acreditação.

Anabela Pereira Tavares



Anabela Pereira Tavares, nasce a 23 de novembro de 1975, na freguesia de Pardilhó, concelho de Estarreja, localidade onde vive e exerce a sua atividade. Sendo filha de tecedeira conviveu desde sempre com a arte da tecelagem. Na adolescência aprendeu a urdir a teia e ajudou a mãe na tarefa de enrolar a mesma no tear. Com cerca de 25 anos assumiu os compromissos com os clientes da mãe uma vez que esta, por razões de saúde, já não o conseguia fazer. Em 2012

fundou, em sociedade com os 2 irmãos, a empresa CTLDA – Casa do Tear, Lda, destinada à preservação, divulgação, manufatura e venda dos tapetes de trapos, conhecidos como “tapetes de Pardilhó”. No âmbito das atividades promovidas pela Casa do Tear, orienta workshops, participa em feiras/exposições e programas de televisão com foco sobre a tecelagem manual alguns dos quais a convite da Câmara Municipal de Estarreja. Em 2016 assume as funções de gerente da Casa do Tear a tempo inteiro, tendo a seu cargo não só a atividade de tecelagem no atelier de trabalho ao vivo, como também a de adaptação da mesma a novas utilizações (almofadas, cochins, carteiras/ malas, despeja bolsos, aventais, pegas para a louça, etc).

Arminda Esteves



Nascida em Sortelha, concelho do Sabugal, onde casou e viveu toda a sua vida, tendo trabalhado na agricultura e nas lides da casa.

Sempre trabalhou o bracejo, que aprendeu a entrelaçar sozinha, mas, por vergonha, não o mostrava a ninguém, até que um infortúnio da

vida a levou a ter que cuidar do marido e considerou que esta poderia ser uma atividade a que podia dedicar-se enquanto o fazia. Apesar de reconhecer que é uma tarefa difícil, gosta muito de o fazer (Arminda Esteves é responsável por todo o processo desde a arranca, que pode ser dolorosa porque faz “borregas” nos dedos, até à tecelagem e venda dos objetos). Podemos encontrá-la na Loja de Artesanato, em Sortelha, a encantar os turistas enquanto entrelaça o bracejo e o transforma em objetos utilitários e outros meramente decorativos. Com algum esforço e muita criatividade, Arminda Esteves mantém viva esta prática e foi, inclusive, formadora na oficina ‘Entrelaços – Bracejo, História e Design’, promovida pela Aldeias Históricas de Portugal – Associação de Desenvolvimento Turístico (AHP-ADT), onde ensinou a técnica artesanal de transformação do bracejo a cerca de duas dezenas de pessoas.

O Bracejo é uma planta filiforme que se apresenta em touceiras, em zonas de média altitude e em terrenos secos sendo utilizado desde tempos remotos para tecer, de forma entrelaçada, vários objetos de uso doméstico e decorativo, nomeadamente, esteiras, cestaria, bases várias e aquilo que a imaginação pudesse criar. No passado, a planta era mais utilizada em objetos com funções práticas, como as vassouras para varrer a casa. Era também apanhado para alimentar as vacas e os burros (o que não comiam, ia para o estrume). Este tipo de artesanato fazia parte do património cultural de algumas regiões, como era o concelho do Sabugal e, atualmente, é característico da Aldeia Histórica de Sortelha, onde Arminda Esteves continua a ser a embaixadora desta arte ancestral, apesar de haver outras artesãs (poucas) que se dedicam a esta arte, nomeadamente, Isabel Martins, que aprendeu com ela, e tem o seu atelier na aldeia de Malcata, também no concelho do Sabugal.



Bruna Gonçalves



Bruna Sofia Matos Gonçalves. Nasceu em Lardosa, Castelo Branco, há 38 anos.

Integra o Grupo de Cantares e o Rancho Folclórico da Associação “Os Loureiros” da Lardosa, divulgando por todo o país os usos e costumes da sua terra.

Sempre com o gosto pela cultura, para além do folclore, as artes, as histórias e os saberes antigos, herdou da família o gosto pelos trabalhos manuais, como a confeção de rendas, meias, rodilhas, entre outros.

O gosto particular pela rodilha surgiu numa tarde passada com uma senhora com mais de 90 anos, de outra freguesia, que as fazia com o aproveitamento de restos de tecidos e meias velhas. O entusiasmo foi intenso e como a pessoa da família que sabia fazer as rodilhas já tinha falecido, começou a aprendizagem com aquela senhora que contava história, versos, rimas e rezas, transformando o trabalho em momentos deliciosos.

Aprendeu a fazer as famosas rodilhas ou sogras e a valorizar mais ainda a arte que sai das mãos de quem a faz, criando história que continua legendada em cada rodilha que faz, evocando os tempos em que estas peças do nosso imaginário serviam para apoiar o transporte de cargas à cabeça. Atualmente, algumas senhoras ainda as usam na sua função original, mas são também usadas como peças de decoração.

Carla Rodrigues



Com 37 anos e natural de Tibaldinho, Carla cresceu com os pais e irmão, bem perto dos meus avós.

Nas ruas onde brincou, teve também o privilégio de estar sempre em contacto com as bordadeiras, que eram as senhoras mais velhas. Juntavam-se nas escadas da capela, nas sombras e nos alpendres a bordar, principalmente durante as tardes, pois as manhãs eram para orientar a vida no campo (agricultura ou criação de gado). Ainda se lembra do momento em que a Avó Maria Dos Anjos riscou um pano pequeno para Carla dar os “primeiros pontos” no Bordado de Tibaldinho. Atualmente é mediadora no Agrupamento de Escolas Infante Dom Henrique em Repeses -Viseu, mas continua a bordar e riscar nos seus tempos livres, de forma a dar continuidade a este património imaterial valioso.

Cecília Rodrigues



Natural de Viseu, aprendeu a fazer a Flor dos Namorados com a sogra, D. Cândida.

A Flor dos Namorados é uma arte que vem sendo transmitida de geração em geração, há muitos anos em Fragosela, dentro de uma mesma família.

Rodeada de cola, papel de crepe, arame, papel prateado, tesoura, penas de galinha pintadas e flores já feitas, Cila, como é tratada carinhosamente pelas pessoas mais próximas, pode ser encontrada numa espécie de atelier improvisado na sala da sua casa, em Fragosela.

Da sogra, ficam as melhores lembranças. Foi com ela que aprendeu esta arte e, ainda hoje, é fiel a toda técnica. Um exemplo desta fidelidade são as penas utilizadas nas Flores dos Namorados. São mesmo penas de galinha, não se compram e são de Fragosela!



Cidália Rodrigues



Natural da aldeia de Tibaldinho, frequentou um curso de formação feminina, que frequentemente era ministrado nas aldeias com o objetivo de ensinar as meninas a serem donas de casa. Com a sua mãe e tias deu os primeiros pontos no Bordado de Tibaldinho. Para além do Bordado de Tibaldinho, aprendeu também o ponto de Arraiolos que aplicava ao serviço da sua primeira empregadora. Casou em 1976 e nessa altura como o seu marido trabalhava em Lisboa, teve que se adaptar à vida da grande cidade, para lá levou alguns trabalhos e foi divulgando a sua arte arranjando alguns clientes. Ao regressar a Viseu abriu o seu atelier na Aldeia de Tibaldinho, onde até hoje executa e promove os seus trabalhos para todo o mundo. Neste momento é artesã certificada e formadora de Bordados Tradicionais Portugueses.

Ercília Coelho



Nasceu em Farminhão no ano de 1948. Aprendeu a arte com a D. Rosa e desde 2004 que tem dedicado o seu tempo à preservação, divulgação e transmissão de todo o saber-fazer da Renda de Bilros de Farminhão.

Esperança Vitória



“Nasci dentro de uma cesta. Lembro-me de ver a minha mãe tecer e do barulho do pente a bater no tear que tínhamos em casa enquanto dormia a sesta.”

Esperança Vitória, neta de Vitória Brites e filha do Toino da Vitória e Maria Manuela. Com 38 anos de idade, despediu-se do seu emprego de mais de uma década para se dedicar ao ofício que aprendeu aos cinco anos de idade, a cestaria de junco, tradição da família desde 1952. Criou o projeto Victoria Handmade, em memória da Mãe e do Pai.

Desde criança que o pai sempre foi exigente com Esperança Vitória e as irmãs no que tocava a tecer cestas. Já na altura, as cestas dele eram as melhores da aldeia Castanheira - Alcobça. Hoje é grata por esse ensinamento, afirmando com certeza “nós temos as melhores cestas de junco portuguesas, sim”. E porquê? Porque viveram a desvalorização de anos que estas peças sofreram, mas não perderam o desejo de valorizar a arte de tecer o junco com a ousadia de acrescentar modernidade. Acredita na filosofia de trabalho justo e respeito pela natureza. É por isso que todas as peças Victoria Handmade são feitas com ética.

Lídia Marisa Arrais Morais Rodrigues



Natural de Tibaldinho, aprendeu a bordar aos seis anos com a sua avó. Depois de a sua mãe falecer decidiu pegar nas coisas que ela tinha deixado e pôs mãos à obra. Certificou-se e hoje divulga e promove este bordado branco no branco, sinal de pureza. Entre motivos e moldes elabora cada peça ao pormenor. A linha, agulha, dedal e tesoura e o pano já com o risco elaborado são os principais apetrechos para dar início ao trabalho. As principais peças que elabora são de têxtil lar.

Liliana Sousa



Nascida em Alcobaça num meio ligado à cerâmica, iniciou em 2005 os seus estudos na área da cerâmica de Autor. Foram várias as exposições coletivas e individuais mas a que mais impacto teve no seu autoconhecimento foi a que fez em 2019, intitulada AzulBlue - Contaminação do Pensamento, uma visão Contemporânea do Azul Tradicional de Alcobaça.

Desde 2017 que é criadora e dinamizadora do Projeto Portugal Old Friends onde tem contribuído para a promoção da tradição de olaria de roda como património imaterial, tendo trabalhado com alguns agentes turísticos. Membro até 2020 da Associação de Cerâmica Contemporânea Coletivo Tres Ces, realizou muitos workshops e formações ao turismo local, escolas e curiosos na área da cerâmica contemporânea.

Lina Gomes Mendes e Luísa Gomes Mendes Santos



Naturais de Tibaldinho, mãe e filha dedicam-se à mesma arte.

Luísa Santos, a filha, cresceu no seio de uma família de reconhecidas bordadeiras, cedo começou a bordar e a aprender todo o saber-fazer passado de geração em geração. Apesar de ter adquirido todos os conhecimentos das técnicas e processos de produção, só recentemente é que começou a dedicar-se de forma mais regular ao bordado. Já a mãe, desde criança que

se dedica diariamente ao Bordado de Tibaldinho, fazendo desta arte a sua profissão.

O Bordado de Tibaldinho é uma arte tradicional secular, que se caracteriza por ser executado com linha branca em tecido igualmente branco, diferencia-se por apresentar uma grande predominância de “buracos” ilhós.



Manuela Cavaco



Maria Manuela Cavaco Matias da Cruz, ou, mais conhecida por Manuela Cavaco, destaca-se pelo seu contributo no desenvolvimento e promoção da recuperação da arte de tecelagem característica na Zona dos “Arrabaldes de Coimbra”. Domina a arte de urdir, massar e tecer o linho, entre outras, e é um elemento

fundamental para a finalização de um projeto que existe em Tentúgal com vista a recuperação integral do ciclo do linho e para o qual se está a recolher todas as peças necessárias para a sua concretização.

Conhecedora de um saber antigo, mostra o seu trabalho através da confeção diária de panos, toalhas, tapetes e outras peças em linho e contribuiu para a salvaguarda e valorização deste património local tão importante.

Maria Albertina Matos Florentino



Maria Albertina Matos Florentino, natural de Avanca, Estarreja, nasceu em 1939, tem atualmente 82 anos. Aos 11 anos, tornou-se leiteira pelas mãos de uma tia, que também trabalhava no leite. Com um canado à cabeça com vinte a trinta litros de leite, uma algibeira e um xaile de lã, percorria quilómetros a pé, até ao posto de leite. Dedicou 50 anos da sua vida ao

leite, uma vez que depois de leiteira, trabalhou na indústria dos lacticínios até se reformar. Desse tempo, conta muitas memórias e histórias e ainda hoje refere com saudade que “eram bons tempos, erámos felizes”. Sabe ainda as cantigas e as modas de outrora e gosta de partilhar o seu saber com todos aqueles que a queiram ouvir.

Maria do Amparo



Em 1992 abriu o seu ateliê de cerâmica, envolvendo a pintura em faiança e azulejaria e a modelação

Atualmente, trabalha com diferentes materiais, técnicas e processos, entre os quais a Pintura de Faiança à Mão, a Técnica da Corda Seca, os Painéis de Azulejo e a Modelação em Barro Vermelho e Pasta de Faiança.

Todas estas técnicas fazem parte do trabalho diário da ceramista, sendo desenvolvidas e utilizadas em diferentes tipos de peças, com cores, formas e inspirações únicas.

Maria de Fátima da Conceição Lopes



Maria de Fátima da Conceição Lopes nasceu em 1966, na Ronqueira, Penacova. Frequentou a escola até ao 9º ano, mas optou pelo artesanato, gosto que herdou da família. Aos 15 anos

participou na sua primeira feira de artesanato e consolidou a sua vocação pelo fabrico de artefactos de madeira. Prepara todo o processo de execução, desde a plantação do salgueiro, ao corte ao fim de 3 anos, descasque e secagem. Com a madeira preparada por si e com navalhas e ferramentas apropriadas, executa palitos, moinhos de Penacova, barcas serranas, presépios, rocas, dobadoiras e outros.

Maria Fernandina Henriques



Maria Fernandina Henriques, natural de Veiros, Estarreja, nasceu 22/06/1956, e é artesã na criação de esteiras de bunho. Aprendeu a arte de fazer esteiras com a sua mãe e a avó, quando vinha da escola. Era uma tradição de família. O fabrico de esteiras de Bunho era uma prática corrente na freguesia de Veiros. Este material, feito a partir de uma planta que nascia na zona lagunar da Ria de Aveiro, era essencialmente utilizado para proteger

objetos de grande porte para exportação. Atualmente, as esteiras de bunho são utilizadas apenas como artesanato.

Maria Graciosa Rosa Fontinha Nunes



Maria Graciosa Rosa Fontinha Nunes, nasceu em 1957, em Chãs d'Égua, freguesia de Piódão, Arganil. Reside em Vila Pouca da Beira onde desenvolve a sua atividade.

Foi dirigente e participante das atividades da Associação de Melhoramentos de Vila Pouca da Beira, onde criou um grupo de teatro infantil que ensaiou, escreveu e adaptou textos para as representações e fez os cenários.

Colaborou e incentivou atividades na comunidade, organizou e ensaiou as “Contradanças de Carnaval”, com danças e músicas tradicionais, desfiles de mascarados e carros alegóricos.

Promoveu Cursos de Educação e Formação de Adultos, formações básicas de informática, bordados de arraiolos.

Durante 12 anos (2001-2013), foi Presidente da extinta Junta de Freguesia de Vila Pouca da Beira, onde promoveu muitos projetos, como a recriação da “Festa do Bodo”, a Feira de Artesanato, recriações históricas, exposições e música, formações de confeção de enchidos e de latoaria. Criou uma biblioteca e promoveu a edição de “O Convento do Desagravo do Santíssimo Sacramento” de Vila Pouca da Beira, tendo contratado para a sua autoria o Dr. António Correia Gois.

Em 2004 é coautora do livro “Piódão – Aldeia Histórica, Presépio da Beira Serra – História Lendas e Tradições” de autoria do seu pai José Fontinha Pereira. Em 2020 coordena a edição do livro “Chãs d’Égua e seus Povos Agregados – Memórias de um Povo”, da autoria do seu pai José Fontinha Pereira e Maria Helena Sousa.

Em 2009 colaborou na criação do Grupo de Cantares Tradicionais de Vila Pouca da Beira – “Melodias e Tradições da Beira Serra”, com objetivos de recolha, divulgação e preservação dos cantares, músicas e tradições, do qual é Presidente e onde toca Cavaquinho. Em 2014, inserido no Grupo de Cantares, criou o Grupo de Teatro “ Chave do Tempo”, de representação e recriações históricas, no qual participa ensaiando, representando, pesquisando, escrevendo e adaptando textos e confeccionando os trajes medievais para as representações. Em parceria com o CEARTE, promoveu várias formações, como pintura cerâmica, costura e bordados.

Em 2013 criou um ateliê onde desenvolve atividade de artesã de latoaria e pintura cerâmica.

Em 2019 participou na recriação histórica da entrega do Foral de Vila Pouca da Beira, no âmbito das Comemorações dos 500 anos do Foral Manuelino, com transmissão no programa “Domingo à Tarde” da RTP, no âmbito da Festa do Bodo.

Maria Inês



“A arte da tecelagem é uma dança rítmica de braços e pernas, que através da técnica das mãos que dão mecanismo ao tear, juntamente com os pés nos pedais, fazem a magia acontecer. No entanto, o segredo está na ponta dos dedos, que passam o fio vezes sem conta, enlaçam-no, fazem-no ganhar forma até chegar ao aspeto pretendido.” É através desta arte que Maria Inês, natural de Cabeça do Poço, em

Vila de Rei, produz peças únicas e preserva a memória e o saber desta arte em vias de extinção. Na sua oficina conta, atualmente, com quatro teares. Apaixonou-se pela costura ainda solteira, mas foi mais tarde, e depois de concluir com 18 valores um curso do CEARTE, no Polidesportivo da Fundada, que se dedicou à tecelagem.

Maria de Jesus



Maria de Jesus Gonçalves Chaves nasceu em Várzea de Calde em dezembro de 1940 e é lá, na casa de uma de suas irmãs, que ainda hoje vive.

Aprendeu a arte da tecelagem com a avó, Ana dos Santos, numa época em que as raparigas aprendiam, em Várzea de Calde, os ofícios do fiar ao tecer para posteriormente transformarem o pano de linho em roupa para vestir homens e mulheres, para fazer o enxoval de noiva com lençóis bordados, toalha de batizado e toalhas de mesa.

Maria de Jesus dedicou-se à tecelagem durante 30 anos na Casa da Ribeira, em Viseu. Vinha de manhã e durante toda a jornada era possível ouvir o riso dela e o bate-que-bate do tear. Mariazinha, como era carinhosamente chamada, era muito feliz no seu ofício e gostava de ter sempre alguém por perto para contar suas histórias, que ainda hoje são lembradas na Casa da Ribeira, onde ela fez questão de deixar o seu tear.

Maria João Botas



Residente nas Caldas da Rainha, a designer lançou recentemente uma linha de sapatilhas "Bordallos Sneakers", que representam a cidade, tradição e homenageiam Rafael Bordallo Pinheiro. Estes foram inspirados na sua caixa "Pastel Bordallo".



**REPÚBLICA
PORTUGUESA**

CULTURA

DIREÇÃO REGIONAL DE CULTURA DO CENTRO

Maria Laura Silva Moreira



Maria Laura Silva Moreira, natural de Pardilhó, Estarreja, nasceu a 09/05/1956, tem atualmente 64 anos. Aprendeu a arte da tecelagem muito cedo, quando terminou a instrução primária, em casa de uma Mestre tecedeira de Pardilhó. Uma vida dedicada à arte de tecer, apenas com um interregno pelo meio. Atualmente ainda trabalha na tecelagem, tece em casa e fora, e não fosse a pandemia que nos assola, não teria mãos a

medir para as encomendas. Espera por tempos melhores e acredita que em breve tudo voltará ao normal.

Maria Nazaré Almeida Matos



Maria Nazaré Almeida Matos, mais conhecida por “Maria dos Tamancos”, natural de Pardilhó, Estarreja, nasceu a 11 de maio de 1938. Começou desde cedo a arte de fazer tamancos, aos 12 anos, depois da morte do seu pai, por ser necessária a sua subsistência e da sua mãe. Com trabalho, engenho e perseverança, a “Maria dos Tamancos” alcançou fama e sucesso com este calçado artesanal. Faziam tamancos para adultos, mas também para crianças. Ainda hoje, a “Maria dos Tamancos”, artesã de outrora, mantém o atelier intacto, onde se respira história engenhada nas

estórias e vidas das gentes.



Mariette Ezequiel



Designer de produto, é na Mariettedesign que produz peças em cerâmica, funcionais e estéticas. Partindo da tradição, fruto da vivência em Alcobça, recria produtos tradicionais com criatividade e inovação. No seu ateliê executa trabalhos em porcelana e grés, escultura, iluminação, painéis e joalharia, pintura de peças utilitárias, trabalhos baseados na reinterpretação do artesanato português, revestimento em azulejo para decoração de interiores, e ainda desenvolvimento de projetos de design de produto por encomenda.

Natália Santos Marcelo



Natália Santos Marcelo nasceu em 1937, em Vale do Conde, Friúmes – Penacova.

Frequentou a escola apenas durante um ano, mas conseguiu aprender com os irmãos que fizeram a 4ª classe.

Cuidou dos irmãos, pastoreou o gado na serra, trabalhou no campo.

Aprendeu a cultivar o linho e a transformá-lo em tecido. Colaborou com uma associação criada há cerca de 45 anos que viria a dar origem ao Rancho Folclórico de Zagalho e Vale do Conde, na recolha para salvaguarda de usos e costumes tradicionais, sendo o linho o de maior destaque. Pelos saberes transmitidos, ainda hoje o Rancho semeia, colhe e transforma o linho.

Palmira da Conceição Lopes



Palmira da Conceição Lopes nasceu em 1941, em Santo André, Vila Nova de Poiares.

Frequentou a escola primária até à 3ª classe e desde muito cedo se iniciou no artesanato.

Quando casou foi viver para o concelho de Penacova, não deixando de se dedicar ao artesanato tradicional: a feitura de “palitos”, em todas as fases de produção, desde a plantação dos salgueiros – matéria prima para o seu trabalho, posterior tratamento adequado para que possam ser trabalhados e transformados em peças de qualidade, contribuindo para a preservação e salvaguarda do património da região.

Palmira Marques



Palmira Marques, nasceu em Pardilhó, Estarreja, e tem 80 anos. Aos 13 anos, iniciou-se no tear. Ou para o tear ou para a costura, atividades que as meninas da sua época aprendiam, contou. Optou pelo tear, onde já ganhava dinheiro. Assim como as suas irmãs mais velhas, aprendeu a tecer nos teares locais, com uma Mestre da Tecelagem de Pardilhó, terra onde a tecelagem era uma forma de vida de muitas jovens. Depois de casar, continuou a tecer em casa e a trabalhar nas encomendas. Ainda hoje, gostava de poder ensinar esta arte, para que este património não se desvaneça. Sente saudades do passado e tem memórias felizes desses tempos de labuta e de convívio.



Rosa Maria de Pinho Conde Rufo



Rosa Maria de Pinho Conde Rufo, natural de Pardilhó, Estarreja, nasceu a 14/12/1952. Filha de família de tecedeiras e de pescadores, ainda criança já ia para o tear para aprender a tecer. Começou a tecer ainda criança e foi desenvolvendo esta arte e o saber fazer até aos nossos dias. Nos anos 90, foi monitora de tecelagem no ensino especial. Mais tarde, aceitou o desafio da então Presidente da

Câmara municipal de Estarreja, Maria de Lurdes Breu, para a produção de uma grande encomenda de tecelagem para oferta num evento internacional de voleibol. Desde essa altura tem participado em centenas de feiras de artesanato, divulgando com orgulho a qualidade dos produtos que faz. O seu trabalho é caracterizado por vários tipos de tecelagem, com alguma inovação, mas procurando sempre manter as suas origens.

Rosa Monteiro



Dona Rosa aprendeu a fazer Renda de Bilros, ainda criança, com uma tia que aprendeu com alguém que vivia em Farminhão, provavelmente vinda de uma zona piscatória. Em Torredeita cresceu, casou-se, teve 4 filhos, cuidou dos pais, dos filhos, da casa, da agricultura e nunca se separou dos bilros. Foi convidada, através da Casa da Ribeira, para na Feira de São Mateus mostrar ao vivo o seu trabalho. Lá ia ela aos fins-de-semana, com um dos filhos pelas mãos, para divulgar durante muitos anos a Renda de Bilros na Feira de São Mateus. Participou em vários projetos incluindo a Cooperativa O Enleio e em alguns

programas televisivos até regressar para onde tudo começou: Farminhão. Mesmo com alguma idade dona Rosa, movida pelo amor à sua arte, aceitou o convite da Associação de Farminhão e ali ensinou ainda a muita gente. Não era o fim do seu trabalho, pois quando foi para o lar

onde atualmente reside não deixou de levar o cavalete, a almofada, os alfinetes, a linha e, claro, os seus inseparáveis bilros.

Vanda Andrés Silva



Vanda Andrés Silva, tem 52 anos, vive em Arganil e cresceu no meio de trapos, linhas e botões, pois a sua mãe, na altura, era costureira. Foi uma criança habituada a reciclar, fazendo os vestidos para as bonecas com aquilo que tinha à mão. Cresceu muito criativa e com o gosto pelas artes. Já em adulta, voltou a brincar com bonecas, fazendo-as com ráfia, a mesma que utiliza quando faz os presépios e as "Avós". A sua particular habilidade, gosto e respeito pelas memórias antigas, levam-na a uma busca incessante pela conservação de memórias passadas, recreando autenticamente as atividades dos nossos avós, arte de saber fazer de um artesanato já quase extinto, "as rodilhas" de pano, vulgarmente usadas na cabeça das senhoras para transportarem as bilhas de água.

Zélia Évora



Residente nas Caldas da Rainha, desde 1979, utilizou os ensinamentos de tricot e costura que a mãe lhe passou desde os 8 anos, para criar o seu atelier. É aqui que faz sacos, malas, chapéus e outros artigos que vende online. No final de 2014, criou o gang da malha, um projeto social que visa retirar as pessoas de casa na hora da novela, e ir tricotar para as ruas, cafés, e outros lugares públicos. Foi convidada a escrever um livro de TRICOT, pela Esfera dos Livros, que saiu em Janeiro de 2016, tendo sido já traduzido para espanhol. Em 2017 escreveu o segundo livro de manualidades, onde ensina a transformar roupas com memória.



As Mulheres que Cantam o Linho in Várzea de Calde

Uma Aldeia Tecida a Linho, 2018



Maria de Jesus Chaves, nascida em 1940

“ (...)Com a minha avó paterna, que era tecedeira, aprendi a tecer. Como a minha avó vivia connosco, estava habituada a vê-la no tear e fui aprendendo. Comecei a tecer com 14 anos quando já conseguia chegar às peanhas. Herdei o tear da minha avó e com 17 anos já fazia tudo, a minha avó ensinou-me muito bem.”

Palmira Gaspar, nascida em 1940

“ (...)Comecei a aprender a urdir e a tecer ainda muito nova, tinha dezasseis anos. Vi por duas vezes uma senhora a fazer e aprendi logo. (...). A minha mãe fiava muito de noite, ao lume nos serões. Quando íamos com as vacas e as ovelhas levava-se a roca e aproveitava-se o tempo para fiar. O meu tear tem mais de duzentos anos, já foi recuperado e levou algumas peças novas mas as mesas ainda são as originais. O bordado dos panos pode ser feito à mão, mas eu faço-o no tear, é uma tarefa difícil e requer concentração, mas fica um trabalho bonito.”

Engrácia Casal, nascida em 1944

“ (...)A minha família sempre teve tradição do linho. Comecei a tecer bastante cedo, teci muito no tear dos meus avós. Em casa sempre houve um tear, era o trabalho das mulheres, fiar e



tecer. (...) Aqui na aldeia vivia-se do linho e do burel. Com o linho fazíamos lençóis, colchões e peças de roupa. O nosso vestuário era feito de linho.”

Maria Duarte Gonçalves, nascida em 1944

“ (...). A minha mãe era tecedeira. Aprendeu com a minha avó que também já era tecedeira, aqui nesta terra era assim. As mães ensinavam às filhas esta arte e depois ia passando de geração em geração. Durante a minha infância sempre vi a minha mãe a tecer, era a vida dela. Tinha treze anos quando comecei a tecer. (...) Para mim fiar nunca foi uma obrigação, era o nosso trabalho do dia-a-dia e gostávamos de o fazer. Andávamos sempre com a roca, íamos com as ovelhas e a roca ia metida na cinta e sempre que podíamos íamos fiando.”

Brilhantina Gonçalves, nascida em 1948

“ (...). De pequena, a minha mãe já me mandava para o tear e embora fosse fazendo algumas asneiras fui sempre aprendendo alguma coisa. Aprendi a urdir com uma senhora vizinha que teve muito gosto em me ensinar e ganhei de tal maneira gosto que depois até já urdia as teias dela. Esta terra sempre foi terra de linho até chamavam a aldeia das tecedeiras pois em cada casa havia um tear. (...)a minha mãe tecia muitas mantas que depois vendia noutras aldeias. Em troca, em vez de receber dinheiro, recebia bens alimentares, que também faziam falta. Lembra-me que em casa tudo o que havia de panos era a minha mãe que fazia. Faziam-se toalhas de linho para a Igreja,....”

Lúcia Ferreira, nascida em 1949

“ (...). Aqui em Várzea havia muitas tecedeiras, era casa sim, casa sim, muitas, muitas. Faziam serão de noite e fiavam e eu pequenita estava lá ao pé delas. Uma tia com quem vivia, fez-me uma roquinha muito pequenina e meteu lá um bocadinho de linho para me ensinar. As vizinhas e amigas juntavam-se e faziam serão, fiavam, cantavam (...). As crianças também iam para os serões e ficavam ao colo das mães mesmo estando elas a fiar (...). Às vezes, quando algum chorava não perdiam tempo, continuavam a dar de mamar e a fiar ao mesmo tempo”.

Adelaide Campos, nascida em 1952

“ (...). Com a minha mãe semeávamos o linho e lembro-me de ver a minha mãe com a minha irmã ao colo, ainda pequenina, e a fiar. Lembro-me que havia um tear encostado à cozinha e a



minha mãe, sempre que podia, refugiava-se lá a tecer, nas horas vagas. (...). Este tear que tenho foi recuperado de um tear muito antigo por vontade da minha filha. Chegámos a tecer tapetes, uns paninhos e a minha filha tem muito jeito, (...). Depois foi para o Canadá e deixou de tecer mas tem vendido lá muita coisa de linho aqui da aldeia. Ainda tenho guardadas umas camisas chamadas as camisas domingueiras, feitas com um linho muito fininho e a gola muito bem feita.”.

Laura Filipe, nascida em 1952

(...) O meu pai sempre ajudou nas tarefas do linho que competiam mais aos homens. (...). O único fertilizante que se deitava na terra onde era semeado o linho era o estrume dos animais, (...). Quando íamos levar o almoço às pessoas que andavam na agricultura levava-se uma toalhinha de linho a cobrir o cesto e que depois dava para servir. Lembra-me que a minha mãe sedava e depois punha uma manta no chão com a estopa de um lado e a estopinha para outro para se fiar separado. O linho mais grosso, chamado chascos ou tomentos, era para os colchões que depois se enchiam de palha de centeio. O linho mais fininho era para as camisas dos homens porque as das mulheres eram feitas com estopa. As camisas de linho e os lençóis iam para a barrela. Não se passava a ferro, era tudo muito esticadinho e punha-se a corar”.

Alcina Campos, nascida em 1956

“Aqui na nossa aldeia quase todas as casas tinham um tear. Lembro-me de ver a minha mãe a fiar e as vizinhas da minha mãe a tascar, a maçar e eu gostava de ver aquilo, tinha curiosidade porque nunca o fiz. Depois, mais tarde, quando semeei o meu linho é que percebi que era tão duro maçar. (...). Lembro-me que a minha avó e a minha mãe só utilizavam panos de linho na cozinha, ninguém tinha outros panos e os paninhos para limpar o rosto eram feitos com o linho mais fino”.

Maria Estrela Maurício, nascida em 1962

“Na minha família apenas a minha bisavó teve um tear. (...). Após frequentar o curso de tecelagem é que adquiri o meu tear. (...) É uma tarefa que exige muita dedicação porque fazemos isto nas horas vagas e durante o dia temos o nosso trabalho e as terras para cuidar. As sementes do linho ficam guardadas de uns anos para os outros. A semente do linho é uma coisa que não se estraga, mas tem de estar guardada num saquinho de pano, pois se for de



plástico estraga-se. A nossa semente tradicional vem passando de ano para ano, desde o tempo em que pessoas antigas semeavam”.

Isabel Souto, nascida em 1965

“ (...) A minha mãe tinha um tear que era da minha avó mas, mas ela não nunca teceu, em pequenina não tive ligação com o linho. Tudo começou com um curso que fizemos há dez anos em que aprendemos a semear o linho, a trabalhar com o linho; fizemos tudo, desde a sementeira ao pano. Foi desde aí que eu comecei e nunca mais parei.” (...) Para mim, a parte de montar o tear é a mais difícil. Urdir a teia é muito importante pois não se pode falhar um fio; se falha, está tudo estragado. Hoje em dia tenho muito prática porque nunca deixei de praticar e, por exemplo, em meio-dia consigo urdir uma teia”.

Maria Goretti Gonçalves, nascida em 1969

“ Na minha infância sempre ouvi falar do linho por ser uma tradição da aldeia, mas como a minha mãe estava ligada à costura não aprendi nada. O meu interesse pelo linho surgiu mais tarde, quando frequentei o curso de formação ligado ao linho em que aprendemos tudo desde o princípio, da sementeira até ao pano. O trabalho final foi aprendermos a tecer e foi aí que eu realmente me interessei por esta arte. No fundo do povo, onde ainda vivo com os meus pais, lembro-me de ver as tecedeiras a passar na rua com as encomendas que levavam à cabeça num molhinho. Lembro-me das pessoas a maçar o linho nas lajes, eram momentos de convívio entre todos. Neste momento não tenho peças à venda. O que tenho feito é tudo para uma senhora que tem o filho em Inglaterra e lá dão muito valor ao linho,...”.

Sónia Casal, nascida em 1979

“Comecei a interessar-me pelo linho ao ver o trabalho que faziam na cooperativa e, passado um ano, decidi entrar, por uma questão económica e também pelo convívio entre tecedeiras. Eu e a D. Laura já nos conhecemos há alguns anos e neste momento trabalhamos em conjunto, somos a única dupla a tecer. Como eu não tenho um tear e aqui na aldeia ainda há um espírito de ajuda, a D. Laura convidou-me para tecer peças no tear dela e assim fazemos um trabalho em conjunto. Sou a tecedeira mais nova da cooperativa (...) Antes de fazer o curso já tinha conhecimentos de costura que me permitiam fazer outros trabalhos: por exemplo, já fazia bainhas nos tapetes que saiam dos teares da cooperativa”.